



Jovens Jornalistas: Experiência de Comunicação e Educação em Lima Duarte¹

Emilia de Mattos MERLINI²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo trata sobre o Projeto Jovens Jornalistas de Lima Duarte (MG), onde 14 jovens de escolas públicas produziram – de agosto a dezembro de 2010 – jornal e blog através da metodologia de educomunicação. Foram realizados encontros semanais em escolas da zona urbana da cidade. As avaliações realizadas através de rodas de discussão e de questionários possibilitarão o aperfeiçoamento do trabalho em suas próximas edições. Conclui-se que o projeto gerou a oportunidade de uma comunicação mais dialógica e democrática; maior senso crítico a respeito dos meios de comunicação; reflexão sobre a realidade dos participantes, seus preconceitos e estereótipos; e foi realizado com motivação e interesse.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; educação; cidadania; educomunicação.

Introdução

Este artigo apresenta e discute a experiência desenvolvida por jovens do 1º ano do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Lima Duarte (MG) que – no 2º semestre de 2010 – produziram um jornal e um blog centrados na perspectiva da educomunicação, os primeiros – de que se tenha conhecimento – produzidos por jovens no município. O trabalho fez parte da oficina gratuita de jornalismo promovida pelo Instituto Candeia de Cidadania³, idealizado e coordenado por esta autora.

As atividades foram norteadas pela metodologia de educomunicação – que favorece a comunicação democrática e o direito de todos à expressão – com discussões sobre assuntos do universo dos participantes, e com formação sobre mídias e jornalismo. O objetivo foi promover a auto-estima, a cidadania e a leitura crítica dos meios de comunicação de massa. Jovens Jornalistas, como eles se definiram, também foi o nome dos materiais produzidos por eles⁴.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: emiliamerlini@uol.com.br

³ <http://candeialimaduarte.ning.com/>

⁴ No blog <http://blogjovensjornalistas.blogspot.com/> é possível acessar as matérias.



Comunicação e Educação

Sabe-se que hoje a Indústria Cultural e os MCM têm presença marcante no cotidiano das pessoas. Segundo Sodré (2002), mesmo que alguém não tenha contato com nenhum desses meios (o que é tarefa difícil nos dias de hoje), ainda assim seria por eles afetado(a), já que se relaciona com um sistema simbólico e com outras pessoas que recebem influências dos MCM. Dessa forma (SODRÉ, 2002) defende a existência de um quarto *bios* que seria o midiático. Seguindo a mesma linha, Trinta coloca que os MCM estão “sempre mais atuantes, cada vez mais potentes” (TRINTA, 2008, p. 31) e são hoje “ambientes”. Sendo estrutural, a mediação tecnológica, segundo Barbero (2008), transforma o lugar da cultura na sociedade, contribui para novas formas de perceber, de sentir, de linguagem e de escritura. O autor lembra que não podemos nos esquecer de que o saber primordial é o do ser e não o da técnica, risco que todos corremos.

A intensidade da presença dos meios em nossas vidas não significa que sua produção seja realizada por diferentes atores sociais, muito pelo contrário, sua produção é bastante concentrada (FUSER, 2008) tanto quando se trata de internet – meio um pouco mais democrático com relação à produção de conteúdo – quanto dos demais.

A falta de democracia na produção dos meios de comunicação e sua gestão hierarquizada, onde poucos têm poder de decisão, é um ingrediente da violência social, conforme indica a representação da UNESCO no Brasil que mapeou o fenômeno da violência em escolas de 17 estados brasileiros:

Muitas vezes, a violência está relacionada à gestão pouco democrática da escola, com as normas e os modos de funcionamento impostos de maneira pouco democrática e com alunos, professores, funcionários e pais com reduzido espaço para se expressar. A violência também está relacionada à inexistência de canais de comunicação entre os adultos e as crianças/jovens que convivem na escola. Finalmente, pode ser decorrência de práticas pedagógicas que não estejam suficientemente preparadas para identificar, valorizar e respeitar as diferenças e a diversidade. (NOLETO, 2008, p. 55).

Sobre esse ponto cabe refletir sobre o tipo de educação que queremos e sobre a necessidade de democratização dos meios de comunicação: “as elites aprendem fazendo e com isso modificam as aplicações das técnicas, enquanto a maior parte das pessoas aprende usando e, assim, permanecem dentro dos limites do pacote da tecnologia” (CASTELLS, 2009, p. 73). Para ele, “quanto mais próxima a relação entre locais de inovação, produção e utilização das novas tecnologias, mais rápida a transformação das



sociedades e maior retorno das condições sociais sobre as condições gerais para favorecer futuras gerações” (Idem, 2009, p. 73).

Mesmo onde se pressupõe que os MCM tenham “menos poder” por existirem em menor diversidade e com acesso reduzido, como na zona rural – onde nem sempre existe acesso à internet, por exemplo – a influência desses meios parece ser grande e contribuir com a migração do campo para a cidade.

Assim, o novo paradigma da comunicação torna-se assim, segundo Orozco⁵, o da produção e do protagonismo quando os receptores (que há muito tempo deixaram de ser passivos) passam a exercer seu direito de comunicação de uma maneira mais efetiva e abrangente. A produção de comunicação por indivíduos e grupos permite a expressão de sua subjetividade, de questões ligadas aos seus interesses – locais e globais –, possibilita ainda a (re)construção de sua cultura e identidades, o fortalecimento dos laços comunitários e o exercício da cidadania a partir do momento em que podem expressar suas opiniões e atuar de forma mais consciente sobre seu lugar, sua cidade e interesses.

A ligação entre cidadania e protagonismo é intrínseca. Para Barbero (2007) a primeira se relaciona ao fazer e à produção, que são atitudes inerentes ao ser humano e se associa essencialmente “ao reconhecimento recíproco” (BARBERO, 2007, p. 37) e ao “direito de ser visto e ouvido, uma vez que equivale ao direito de existir/contar social, política e culturalmente, tanto na esfera individual quanto na coletiva; das majorias ou de minorias” (Idem, 2007, p. 37).

Além do protagonismo no sentido do fazer e da apropriação dos meios técnicos, Ferreira e Dudziak (2004) ressaltam a importância da apropriação intelectual da informação e do conhecimento, apontando que esses possibilitam o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e valores essenciais para a o exercício da cidadania: “A aprendizagem é o nível mais elevado de apropriação informacional, onde reside o poder de mudança e a possibilidade de adoção de novas posturas enquanto sujeito (ator social/cidadão)” (FERREIRA e DUDZIAK, 2004, p. 3) e só através dela é possível que as pessoas façam parte da “sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem” (Idem, 2004, p. 3).

Segundo Pinheiro (2008), se as subjetividades se formam na interação com outros humanos e não humanos devemos nos questionar sobre os desafios que constituem a interação sujeito versus MCM.

⁵ Aula do mestrado em Educomunicação da ECA/USP: “Comunicação, telas e novas educações”. Ministrada em setembro de 28/09/2009 a 02/10/2009 e assistida como ouvinte pela proponente deste projeto. Carga horária de 20h.



Processos como esse necessitam considerar as diferenças de cada um e de cada grupo, que possui especificidades de acordo com sua realidade social, física, econômica e cultural. A inclusão das diferenças é fundamental em processos onde os conflitos não serão escondidos, mas discutidos, possibilitando o crescimento de todos. Em oposição ao que é veiculado pela maioria dos MCM que “exigem um sujeito flexível, móvel e modulável, desqualificando o indivíduo modelo, disciplinado e rígido” (PINHEIRO, 2008, p. 162). Conhecer as principais características do grupo envolvido em um processo de produção comunicacional, além da utilização de uma metodologia participativa e inclusiva, parecem ser as opções para se trabalhar melhor possíveis conflitos, potencializar a apropriação dos alunos e a interação dos mesmos tanto no campo quanto na cidade.

Metodologia

Segundo Lopes (2009, p. 31): “[a Indústria Cultural] como um autêntico sistema de ensino paralelo, tem-se imposto culturalmente diante da fragilidade da instituição escolar”. Assim, o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP) e Orozco Gomez⁶, dentre outros, colocam que escola e mídia são espaços de circulação de saber e que os estudantes estão inseridos em um cenário de alfabetizações múltiplas onde é preciso interferir a respeito da educação sobre as “novas telas”⁷ e a mídia, e apontam essa como uma área de atuação para instituições preocupadas com a educação para os meios e a formação cidadã.

O NCE, coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, desenvolve projetos e pesquisas na área de educomunicação, que orientou metodologicamente os trabalhos realizados com os Jovens Jornalistas de Lima Duarte. A educomunicação associa a educação à comunicação e é definida como:

O conceito refere-se a um campo emergente de intervenção social, ou seja, ao conjunto das ações próprias de programas que promovem o planejamento, a implementação e a avaliação de processos e produtos, criando e fortalecendo ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e participativos em espaços educativos, presenciais ou mesmo virtuais, tendo como consequência a melhoria do coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo, neste contexto, as relacionadas com o uso dos recursos da informação nos processos de

⁶ Aula do mestrado em Educomunicação da ECA/USP: “Comunicação, telas e novas educações”. Ministrada de 28/09 a 02/10/2009 e assistida como ouvinte pela proponente. Carga horária de 20h.

⁷ Idem.



aprendizagem. No caso, tais ações têm como fundamento a realidade das mediações culturais protagonizadas historicamente pelos sujeitos sociais, pressupondo a intencionalidade educativa do uso das tecnologias, a metodologia da ação colaborativa e a meta do pleno exercício da liberdade de expressão dos atores sociais (SOARES, 2009, p. 115).

A oficina de Lima Duarte foi divulgada nas salas de Primeiro Ano do Ensino Médio das escolas públicas da região no início do segundo semestre letivo de 2010 e começou efetivamente em 31 de agosto de 2010, com encerramento em 08 de dezembro do mesmo ano. Os encontros aconteceram na Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, às terças-feiras, das 18h30 às 21h30, com intervalo de 20 minutos para a merenda. Contaram com a presença de 14 jovens entre 14 e 17 anos de idade, três do sexo masculino e os demais do sexo feminino. A cada três encontros nesta escola, um quarto era realizado na Escola Municipal Pedro Paz para uso do laboratório de informática.

A metodologia empregada visou valorizar a participação dos envolvidos em todas as etapas do processo e nas tomadas de decisão, favorecendo seu protagonismo, apropriação dos produtos desenvolvidos e consequente empoderamento dos participantes. Desta forma, o processo de trabalho foi tão importante quanto os produtos finais e os conflitos não foram ignorados, mas trabalhados em grupo, com mediação da facilitadora e coordenadora do projeto.

Como instrumentos de coordenação e avaliação foram utilizados listas de presença, diários de campo, aulas na disposição de roda, avaliações diárias também em roda, questionários de auto-avaliação e dinâmicas de grupo cujos resultados nortearão modificações para o próximo módulo da oficina, previsto para o segundo semestre de 2011. O projeto será expandido para duas turmas: na escola Adalgisa de Paula Duque, da zona urbana, e em outra da zona rural. As turmas serão compostas por 20 jovens, com mais 20 fazendo parte de um Conselho Editorial, em um total de 60 jovens.

Objetivos da Atividade

O objetivo principal foi criar um espaço para os jovens discutirem sobre sua realidade, cultura e costumes, promovendo a troca de informações entre eles e o exercício da cidadania – através da promoção de uma maior consciência sobre si e seu entorno. Também buscou-se fortalecer o protagonismo e a auto-estima dos participantes, através da publicação de seus textos, matérias e da distribuição desses em suas e em outras comunidades; a melhoria de seus conhecimentos da Língua



Portuguesa⁸, de suas habilidades de comunicação, de trabalho em grupo e de organização; um maior entendimento dos processos de produção e edição de notícias realizados pelos meios de comunicação de massa (MCM), de modo a promover uma leitura mais crítica da mídia; além da inclusão digital através das aulas de informática.

Descrição e Discussão dos Resultados

Essa experiência trouxe resultados muito interessantes. Parte deles aponta para o alcance dos objetivos esperados, outros precisam ser melhor compreendidos, enquanto alguns indicam a necessidade de adaptações ou futuras investigações.

Proximidade e Direito à Voz – No primeiro encontro começamos com uma dinâmica chamada “Crachá Criativo” onde cada um se apresentou através da produção de seu crachá utilizando lápis de cor e inspiração. A atividade foi realizada com prontidão e motivação. Ao longo do encontro a facilitadora também se apresentou e notou que eles estavam muito curiosos para saber o faz uma pessoa de São Paulo, capital, vir morar em Lima Duarte, uma cidade com 16 mil habitantes, enquanto a maioria das pessoas que conhecem quer ir para a cidade grande. Essa, assim como todas as outras reuniões, foi realizada em roda. Ao final aconteceu o momento de expressarem suas opiniões sobre o encontro e de falarem o que não tiveram a oportunidade durante aquela reunião, o que também aconteceu até o último encontro. Então, a I. disse: “fui pra aula achando que ia ser um saco, mas que adorei”. A N. reafirmou isso, enquanto o S. disse: “eu gostei da possibilidade de todos falarem, isso nos aproxima muito”. A I. reforçou: “dessa forma você ficou como uma amiga nossa, não só como uma professora”. O F. reclamou porque três colegas não quiseram participar do jogo das cadeiras cooperativo, uma das dinâmicas do dia. E aí conversamos sobre esta questão. Tratamos do respeito à diversidade e às diferenças; da importância de acolher as colocações dos colegas, mesmo que o que fosse tratado estivesse claro para nós; da importância da não triangulação, ou seja, de que o que deve ser dito sobre alguém seja dito para a própria pessoa e não para um terceiro; de que tudo isso facilitaria a participação de quem não estivesse à vontade para tal; de que assim como os que gostariam de se colocar não deveriam ser obrigados a ficar quietos, os que não queriam expressar suas opiniões ou participar de alguma atividade não deveriam ser forçados a

⁸ O Simave 2009 – Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública – indicou que poucos alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque (onde estuda atualmente a maioria dos alunos do projeto Jovens Jornalistas) alcançaram o nível recomendado de proficiência em Língua Portuguesa e Matemática, respectivamente 24,37% e 4,72%.



isso. Esses “mais quietinhos”, no final do curso, estavam se expressando mais, acredito que por ganhar confiança em seus colegas e pelo trabalho constante sobre o respeito às diferenças, o acolhimento às questões dos outros e a cooperação.

Os depoimentos expressos na primeira aula indicam a receptividade quanto à metodologia empregada e que a relação que começava a se estabelecer era diferente da que geralmente ocorria entre eles e seus professores: um espaço onde o diálogo franco e democrático era possível, onde aprender podia ser divertido, e onde a participação deles na construção da oficina que se iniciava era fundamental e fazia parte dos objetivos do trabalho.

O Rural e o Urbano – Em outra aula pedi que escrevessem um sonho individual e outro coletivo – que abrangesse ao menos Lima Duarte. Muitos disseram querer entrar na faculdade em algum curso de seu interesse e se realizar na profissão. Chamou a atenção o que expressou T., para ele Lima Duarte deveria ter muitas empresas, virar uma cidade grande e oferecer muitos empregos!⁹

Na aula seguinte apresentei a possibilidade de financiamentos de projetos com e sem fins lucrativos, junto com uma cartilha simples sobre como escrever projetos, que foi distribuída para todos. Acredito que esse ponto pode ser tratado mais profundamente na próxima edição da oficina, de forma que eles possam desenvolver projetos para o local onde vivem, possibilitando ainda mais a reflexão sobre sua realidade e sua atuação dentro ela. Outra questão é investigar a idéia de emprego e renda em um local com extensa área rural; com a maior parte da renda gerada pela produção de leite e seus derivados; região que também faz parte do Circuito Turístico Serras de Ibitipoca¹⁰.

Diante desse contexto por que não pensar em trabalhar com turismo rural – que vem crescendo bastante no país, especialmente em Minas Gerais¹¹ e que possui uma linha de financiamentos específica do governo do Estado¹²? Ou em promover o desenvolvimento rural sustentável? De onde vem essa ideia de um grande centro com multinacionais para gerar empregos? O que mais geram esses grandes centros? Pobreza, exclusão, lixo? Como a mídia contribui para a esse modo de pensar? Quanto a carência

⁹ “Sonho que grandes empresas, empresas multinacionais se estabeleçam aqui em Lima Duarte e criem muitos empregos para nós. Eu acho que, se estabelecer empresas, Lima Duarte se tornará um centro comercial, pois se vierem empresas, também vão vir comércios como mercados, lojas, bancos, cinemas, enfim, se tornará uma grande cidade”.

¹⁰ <http://www.circuitoserrasdeibitipoca.com.br/>

¹¹ Minas Gerais é o Estado com o maior número de empresas especializadas em Turismo Rural em funcionamento no país, tendo 600 estabelecimentos neste segmento, que tem crescimento anual entre 18 e 20%, segundo dados da Abraturr – Associação Brasileira de Turismo Rural.

¹² O Fundo de Assistência ao Turismo - FASTUR foi criado pela Lei nº 11.520, de 13 de julho de 1994, e regido pela Lei nº 15.686, de 20 de julho de 2005, com vigência até junho de 2015.



de políticas públicas que favoreçam a qualidade de vida no homem do campo contribui para esta ideia? São assuntos para serem investigados em outras edições da oficina, que será objeto de dissertação de mestrado¹³.

Enquanto isso, ficamos com os dados de Ana Caramano e Ricardo Abramovay (1999) que em publicação promovida pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) esclarecem que há um processo de masculinização e envelhecimento do campo, devido a fatores como: a mecanização da produção agrícola; a pecuarização; ao maior índice de alfabetização das mulheres, que permite que elas consigam um trabalho na área de serviços – a que mais cresceu nos últimos 50 anos no país – ou um trabalho nos lares, como domésticas, onde têm mais chance de crescimento e reconhecimento profissional.

Além desses, a aprovação das leis trabalhistas mais efetivamente implantadas nas cidades; a decadência das lavouras de café em São Paulo; a seca no Nordeste; e a taxa de natalidade mais elevada no campo – causando uma redução do tamanho da terra para seus herdeiros e a consequente expulsão dos mais jovens para as cidades, são também fatores que contribuem para o envelhecimento e a masculinização do campo no País.

Esse processo, que se iniciou na década de 30 no Brasil e continua a acontecer, em menor escala, nos dias de hoje, possuía no início “‘um clima mental’ distinto do predominante em áreas não-urbanas, portanto o desenvolvimento de uma urbanização implica a assimilação desse ‘clima’ por populações rurais que se deslocam para a cidade” (LOPES, 2009, p. 21). Os MCM são os principais difusores dessas ideias e promovem a “socialização antecipada” (Idem, 2009, p. 21) dos que chegam à nova realidade.

Gosto pela Prática? – Em avaliação realizada pelos jovens no final da oficina, a nota mais alta foi atribuída à visita à TV Panorama e ao JFHoje (10), seguida por (9,8) para “A relação que a facilitadora estabeleceu com os participantes”, “As dinâmicas” e “A visita à Brandel’s Gráfica”.

Essas notas podem demonstrar o gosto por atividades práticas, por sair da rotina e vivenciar um pouco mais dos bastidores do processo de produção da notícia. Ao mesmo tempo, a reunião de pauta e escrever as matérias – apesar de práticas –

¹³ A facilitadora deste projeto foi aprovada no mestrado da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2011-2012, na linha Comunicação e Identidades onde investigará mais profundamente o projeto Jovens Jornalistas, sob orientação do professor Bruno Fuser.



receberam as notas mais baixas, respectivamente 9,0 e 8,1, segundo eles, por conta de sua dificuldade. Na próxima edição da oficina esses pontos serão mais trabalhados visando reduzir as dificuldades encontradas.

Teoria e Concentração – Nos momentos em que os conteúdos foram transmitidos de maneira mais formal (informações mais detalhadas sobre as especificidades dos tipos de mídia, sobre o funcionamento da mídia no Brasil e em outros países, e técnicas de jornalismo) os participantes demonstraram maior dificuldade em se concentrar por intervalos longos de tempo, enquanto em atividades práticas, como nas dinâmicas, o mesmo período era atravessado com grande motivação e energia.

No encontro em que foi apresentada a forma de regulamentação da mídia nos Estados Unidos e na Europa em comparação com o Brasil, além de algumas resoluções da I Confecom eles, ao final, disseram ter achado aquela aula “maçante”. Questionados sobre o que foi maçante: se uma parte da aula, ou toda ela; sobre o que foi chato e o que foi legal, disseram que a parte sobre legislação, incluindo outros países era muito distante deles, de sua vida e que não entenderam muito bem, que era muita informação para guardar.

Esse ponto indica que alguns conteúdos precisam ser trabalhados de outra forma e aproximados da realidade dos participantes. Ao mesmo tempo em que, na avaliação final, dois deles disseram que as aulas terminavam tarde (21h30) e que eles ficavam um pouco cansados, pois acordavam cedo para ir à escola.

Participação – Tivemos muitas demonstrações importantes de participação, algumas delas, como a sugestão de realizar um evento para sustentar o projeto, podem ser indicações de um maior empoderamento dos participantes e da busca por solucionar os problemas com os quais se deparam sem esperar que outros resolvam para eles.

Assim, muitos sugeriram pautas já no primeiro encontro, acredito que motivados pela ideia de produzirem um jornal e um blog. No entanto, na reunião de pauta três garotas não fizeram sugestões e não conseguiram escrever matérias sozinhas, fazendo isso em dupla ou trio. Mesmo assim, na avaliação final, elas disseram ter gostado da reunião pauta e de escrever as matérias, o que me trouxe um pouco de surpresa. Uma delas inclusive declarou pensar em seguir a profissão. Acredito que seja um traço da personalidade delas, ou que tenham tido esta dificuldade por razões pessoais. De qualquer forma, este ponto será mais trabalhado com outras leituras e com mais visitas e



palestras de outros profissionais, na tentativa de instigá-los mais e tornar essa atividade mais fácil.

Duas garotas, que andavam sempre juntas, não foram nos dois primeiros encontros no laboratório de informática. Quando questionadas, separadamente do grupo, disseram que faltaram por não saberem usar o computador e terem vergonha disso e dos demais colegas. Discutimos a esse respeito, sobre a importância de aproveitarem esta oportunidade e, nas aulas seguintes, elas receberam atenção especial.

Também houve um problema com a verba de impressão do jornal e a facilitadora comunicou o problema para os participantes. Eles então propuseram realizar um evento para arrecadar dinheiro para a impressão do jornal, proposta com a qual fiquei muito contente. Apesar disso, a verba foi repassada e o evento não aconteceu também por outras razões como o local a ser realizado, a proximidade com o final do ano escolar e a maior demanda por trabalhos e provas.

Dois garotos também desenharam o logotipo do projeto e o nome foi escolhido por todo o grupo.

Entrevistas – Eles disseram ter vergonha (pessoalmente e no questionário de avaliação) de realizar as entrevistas necessárias para redação das matérias e a maioria demorou 15 dias pra começar, com exceção de duas garotas (mais quietinhas) que fizeram a entrevista em uma semana. Como o que eles deveriam especular com os entrevistados (de acordo com a pauta proposta por eles) foi discutido em grupo e individualmente com a facilitadora, montando um roteiro de perguntas, parece não ter sido dificuldade de organizar ideias, mas de abordar pessoas desconhecidas, de se apresentarem e de se organizarem para conseguir falar com a fonte quando esta não podia atendê-los prontamente.

Tivemos os seguintes depoimentos: “[O mais difícil foi] a parte das entrevistas; não gosto de incomodar as pessoas, um pouco de timidez também”, “Fui achando que ia ser difícil, mas foi mais fácil do que eu imaginava”. Ou ainda:

Fazer as entrevistas também foi bom, elaboramos as perguntas e foi legal ver o que os entrevistados responderam. Fomos meio sem graça de entrevistá-los, mas eles trataram a gente super bem, falaram que podíamos ir lá de novo se precisássemos de mais alguma coisa.

No questionário final, quando perguntados sobre o que mudou com a oficina, também tivemos a seguinte resposta: “Deixei um pouco a vergonha de lado, mais comunicativa, assisti mais jornais”. O S., que fez a matéria sobre questões psicológicas



enfrentadas pelos jovens, disse: “a entrevista foi ótima, passei até a me entender melhor”.

Na próxima oficina a parte das entrevistas será mais enfatizada, com simulações em sala, para ajudá-los mais no momento em que forem realizá-las.

Preconceito – O jornal começou com pautas sobre drogas, AIDs, gravidez na adolescência e anorexia, acredito que devido a assuntos tratados pela escola. Durante o curso trabalhamos a questão de abordar assuntos comuns nos MCM de forma criativa e nova. Apesar das propostas, ninguém quis fazer as matérias sobre drogas e AIDs. Perguntei “será que o jornal está focando muito em temas negativos?”, “Existem assuntos mais positivos que podemos trabalhar?”. Então uma colega disse “o jornal tá muito chato mesmo... ele precisa ter uma matéria sobre música, sobre bandas!”. E todos adoraram a ideia. A primeira sugestão foi escrever sobre a banda Restart ou sobre o cantor Luan Santana. E se perguntaram o que os fãs ainda não sabiam sobre eles que os Jovens Jornalistas pudessem saber e acrescentar. Surgiu então a ideia de falar sobre as bandas da cidade e o F. disse “as bandas daqui são chatas, elas não sabem tocar direito, não sabem nem falar, como eles querem ter banda?”.

Debatemos sobre essa colocação, sobre o que seria falar certo e errado, a importância da capacidade de adaptarmos a linguagem a cada situação, sobre quem inventou o que era falar certo, sobre o direito constitucional à voz, sobre como poderiam dizer que as bandas não prestavam se eles não as conheciam, que existem bons artistas que não estão na TV e artistas ruins que lá aparecem, e contei a história do final do livro “Dos meios às mediações”, onde Jesús Martin-Barbero descreve situação semelhante vivida por mulheres de Lima, Peru, que ouvem que não sabem falar e decidem continuar falando para aprender e para poderem se defender nesta sociedade.

No final, os jovens concluíram que conheciam mais as bandas da MTV que as da cidade e que a matéria devia ser sobre as bandas da cidade. A M. foi então atrás de saber quem eram elas, como foram constituídas, que instrumentos tocavam e onde costumavam se apresentar. Descobriu ainda que a cidade estava abrindo um edital de cultura e que elas poderiam aproveitar a oportunidade para requerer seu registro. Essa pauta foi muito interessante porque possibilitou a reconstrução do significado do que é saber falar, a não repetição de uma pauta explorada pela mídia e a descoberta sobre a produção da cidade.

Apropriação – Cada jovem sugeriu pautas que tinham a ver com seus interesses: aquele que gostava de informática falou sobre acesso à internet (os jovens



disseram que era “a cara dele”!); a que gostava de vôlei escreveu que “Esporte não é só futebol”, quem gostava de ler, de filmes e bandas escreveu sobre esses assuntos; a que já havia tido anorexia escreveu que a busca pelo corpo perfeito pode gerar doenças, outro que demonstrou ter dificuldades de se inserir no grupo, tanto na escola quanto na oficina, escreveu sobre as questões psicológicas vividas pelos jovens.

Depois de um mês e meio de aulas, no início do mês de outubro, eles pediram duas aulas por semana, disseram que tinham tempo livre e que passávamos muito pouco tempo juntos. O que foi uma ótima surpresa! Então os encontros passaram a acontecer com o dobro da frequência: seis horas por semana, às terças e quintas-feiras. Também nos encontramos em dois feriados: uma vez na praça do centro da cidade e outra na escola, que ficou aberta só para nós, já que os alunos regulares faltaram por se tratar de uma “emenda” de feriado. Em outro feriado ninguém apareceu e, depois, trabalhamos sobre a questão de cumprir acordos, sobre responsabilidade e sobre o respeito ao tempo dos outros.

Essas demonstrações de apropriação do trabalho foram muito gratificantes, especialmente em um ambiente em que alunos reclamam das aulas e dos professores e vice-versa. Esse resultado é creditado à metodologia e à possibilidade motivadora de expressarem suas opiniões, de compreenderem mais a mídia – que os fascina – de produzirem mídia, de se sentirem respeitados e de serem reconhecidos por sua comunidade, conforme expressou M.: “Foi difícil, mas eu gostei mais de escrever, porque os outros iam ler uma coisa feita por mim e isso valoriza a nossa auto-estima”.

Blog – Alguns alunos participavam das aulas de internet ministradas por um professor da escola. Então o nível de conhecimento que possuíam nessa área era bastante variado: duas alunas nunca haviam ligado um computador, outros não dominavam bem a tecnologia e outros acessavam Orkut, tinham MSN, Twitter e seus próprios blogs.

Assim, as aulas de internet serviram mais para realizarmos pesquisas sobre os assuntos trabalhados em aula e para permitir o acesso daqueles que não possuíam nenhum. Tentei que os mais experientes ajudassem os menos, mas não deu muito certo... Eles ficavam fascinados, acessando o computador em suas possibilidades e acabavam não ajudando muito aos demais. Era permitido que acessassem seus Orkuts e MSNs paralelamente às atividades, desde que realizassem as atividades propostas, por reconhecer que esta tecnologia é multi-tarefa.



Chamou a atenção o fato da maioria ter email, mas de não ter o costume de acessá-lo. O email parecia servir apenas como uma ferramenta para a utilização do Orkut, MSN e Twitter, apesar disso, nossa comunicação também se dava desta forma e T. declarou: “Passei a utilizar bastante meu email para enviar e receber mensagens da professora Emilia”.

Para a confecção do blog, Y. se dispôs a fazê-lo começando com uma colega no laboratório de informática e terminando em casa. O laboratório de informática só podia ser utilizado na escola com o acompanhamento de um professor, infelizmente os alunos não podiam acessá-lo em suas horas vagas por normas da instituição, sendo que muitos não possuíam computador ou banda larga em casa.

Críticas - No final do curso foi aplicado um questionário de avaliação, além de discussões em sala sobre o que eles acharam da oficina. Nas discussões finais, com os jornais em mãos eles estavam tão animados com a publicação que não fizeram nenhuma crítica, nem as que haviam aparecido no questionário, só teceram elogios.

Eu esperava questionamentos quanto aos prazos para escrever, já que alguns extrapolaram o tempo que havíamos combinado, quanto ao horário da aula já que no questionário dois deles disseram que as aulas terminavam tarde (21h30). Mas eles estavam felizes demais e só expressaram agradecimentos pela oportunidade, destacando o que aprenderam e o que mais gostaram: “Percebemos que no jornalismo pode haver manipulação na hora de editar as matérias”;

O curso foi uma experiência muito boa, melhoramos nossa escrita, aprendemos sobre o que a gente vê e não vê na mídia, sobre seu funcionamento. Pudemos expressar um pouco do que pensamos, falar o que queríamos, mas sabendo que não podemos falar algo de que não temos certeza, ou enrolar demais na escrita... Independentemente do caminho que vamos seguir, o curso foi muito útil e acreditamos que nos abrirá portas.

Conclusões

A atividade trouxe a oportunidade de uma comunicação mais dialógica e democrática; da discussão de temas de interesse dos participantes; de tratarmos de alguns preconceitos e de produzirmos o jornal e o blog. O jornal teve uma única edição e foi impresso em oito páginas, sendo a primeira e a última em duas cores (preto e laranja), com tiragem de mil exemplares. Ele foi distribuído pelos próprios participantes em suas escolas, comunidade e instituições da cidade. Além disso, cada um levou para casa 20 exemplares para distribuir para quem quisesse.



Alguns jovens pretendem continuar a oficina em sua próxima edição, quando novos alunos também poderão participar, o que será muito bom para aprofundarem os conhecimentos obtidos e adquirirem mais domínio da produção da notícia.

A possibilidade de expressar livremente as opiniões e o fascínio com a mídia foram os ingredientes fundamentais do trabalho. A condução destes através da metodologia de educomunicação, estimulando o respeito e a cooperação entre os participantes e a facilitadora também foi uma experiência nova para o grupo, que possibilitou um maior senso crítico acerca dos meios de comunicação, a reflexão sobre sua realidade, preconceitos e estereótipos – como aconteceu na matéria sobre bandas –; a produção do jornal e do blog e o aprendizado de forma prazerosa.

Referências Bibliográficas

ARBEX Jr., J. Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, D.; (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização, cultura e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 385-400.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2003.

_____. Novas visibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência. **Matrizes** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 27-39, 2007.

_____. As novas sensibilidades: entre urbanias e cidadanias. **Matrizes** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 207-215, 2008.

CARAMANO, A. A., ABRAMOVAY, R.. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização do Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/td_0621.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2011.

CASTELLS, M.. **A sociedade em rede. Economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FERREIRA, S. M. S. P.; DUDZIAK, E. A. La Alfabetización informacional para la ciudadanía en América Latina: El punto de vista del usuario de programas nacionales de información y/o inclusión digital. **World Library and Information Congress 70th IFLA General Confrontation and Council**, Buenos Aires: 2004. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/IV/ifla70/papers/157s-Pinto.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2010.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FUSER, B. Sociedade em rede: perspectivas de poder no espaço virtual. In: LAHNI, C. R. e PINHEIRO, M. A. (Org.). **Sociedade e Comunicação: Perspectivas Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 177-192.



LAHNI, C.R. Educomunicação e cidadania: um estudo sobre o rádio no Território de Oportunidades e identidade juvenil. In: LAHNI, C. R. e PINHEIRO, M. A. (Org.). **Sociedade e Comunicação: Perspectivas Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 67-82.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

NOLETO, M. J.. **Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz**. 4. ed. UNESCO, Fundação Vale, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178532por.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2010.

PINHEIRO, M. A. Comunicação e imersão, o problema da atenção. In: LAHNI, C. R. e PINHEIRO, M. A. (Org.). **Sociedade e Comunicação: Perspectivas Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 157-170.

SOARES, I. de O.. Caminos de La educomunicación: utopias, confrontaciones, reconocimientos. **Nómadas** – Revista da Universidad Central de Bogotá. Bogotá: Universidade Central, n.30, p. 194-207, 2009.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THIOLLENT, M.. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRINTA, A. R. Televisão e formações identitárias no Brasil. In: LAHNI, C. R. e PINHEIRO, M. A. (Org.). **Sociedade e Comunicação: Perspectivas Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 31-50.